

Cadernos de estágio

Matemática divertida: transformando a aprendizagem através de jogos no Ensino Fundamental

Talita Lima¹

Informações

talitalima2017.tl@gmail.com

Como citar este texto

LIMA, Talita. Matemática Divertida: Transformando a Aprendizagem Através de Jogos no Ensino Fundamental. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 1, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n1ID39775](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n1ID39775)



Cde

Volume 7, N1

Janeiro-Julho

Submetido em: 07 de abril de 2025

Publicado em: 30 de Julho de 2025

ISSN: 2763-6488

COMO TUDO INICIOU

Quando eu estava no 9º ano, percebi o quanto gostava de Matemática e comecei a pensar em ser professora dessa disciplina. Sempre tive facilidade com ela, ajudava meus colegas nas atividades, e isso me motivava ainda mais. Naquela época, minha irmã Thaise estava cursando Licenciatura em Matemática, o que me fez refletir sobre seguir o mesmo caminho. Ela sempre foi uma grande inspiração para mim, e seu apoio constante foi fundamental para que eu tomasse essa decisão. Foi assim que entrei na UFRN, com o objetivo de estudar Matemática, e hoje estou aqui, no Estágio Obrigatório II, dando mais um passo nessa jornada. Se estou nessa universidade, devo muito à participação dela na minha vida.

ONDE EU FUI PARAR

O Estágio Supervisionado de Professores II foi realizado em uma escola municipal localizada no bairro Cohabinal, em Parnamirim/RN, uma área popular próxima a diversos espaços de lazer, cultura e esporte, como um parque, um planetário e o primeiro teatro da cidade. Além disso, a escola está situada nas proximidades de uma paróquia e da sede da prefeitura. Iniciei minhas atividades no dia 16 de outubro de 2024, sob a coordenação de Patrícia Ignácio e supervisão de Rafael Rodrigues de Souza.

O estágio aconteceu no período da manhã, em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, às terças e quartas-feiras, com carga horária de quatro horas, das 7h às 11h.

A escola atende cerca de 270 alunos no turno matutino e 387 no turno vespertino, totalizando 657 alunos matriculados. Eles estão distribuídos em 20 turmas, com o turno matutino abrangendo do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I (anos iniciais) e o turno vespertino, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II (anos finais). As turmas da manhã possuem, em média, de 21 a 34 alunos, enquanto as turmas da tarde têm entre 37 e 45 alunos.

A equipe da escola é composta por 47 funcionários, distribuídos da seguinte forma: 1 diretor, 1 vice-diretora, 2 coordenadoras pedagógicas, 1 professor no laboratório de informática, 1 professora na biblioteca, 2 professoras na sala multifuncional, 29 professores de sala de aula, 2 porteiros, 1 merendeira, 2 auxiliares de cozinha, 3 auxiliares de secretaria e 2 auxiliares de serviços gerais.

Em resumo, a escola é uma referência no bairro não apenas pela sua localização estratégica, mas também pela qualidade de sua gestão e infraestrutura. A estrutura conta com 12 salas de aula, banheiros masculino, feminino e para pessoas com deficiência, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala multifuncional, secretaria, sala de professores com banheiro, sala de ges-

tão, pátio coberto, quadra poliesportiva, refeitório e cozinha com despensa. A escola dispõe também de diversos materiais que auxiliam em seu funcionamento, incluindo 495 carteiras universitárias, 2 caixas amplificadas multiuso, 2 televisores, 2 bebedouros com filtro purificador, 12 aparelhos de ar condicionado, 20 ventiladores, 4 microfones, 8 computadores, 4 notebooks, 2 projetores multimídia e 1 scanner-copiadora.

Eu observei a turma do Ensino Fundamental I e percebi que os alunos tinham muita energia e acabavam não prestando muita atenção durante as aulas ministrada pelo professor Raphael. Os alunos conversam muito e a maioria não sabia ler (Nos períodos de avaliação o professor tinha que ficar lendo a prova o tempo todo) e os que liam, não entendiam o que estavam lendo. Durante algumas conversas com os alunos no intervalo perguntei a eles: “Vocês gostam de disciplina de matemática?” Eles respondiam: “Tia, eu odeio essa matéria”. Eu perguntava o porquê e eles respondiam: “Não entendo nada que tem número”. Falei para eles que começaria a dar aulas para eles, eles perguntaram de quê e eu respondi: “De matemática”. A reação deles foi engraçada: “Por que a senhora não quer ser professora de artes ou de Educação Física?”. Eu ri e falei: “Eu gosto mais de matemática”. Continuando a conversa, eles me fizeram um pedido: “A senhora promete não colocar número grande?”. Falei que não colo-

caria números grandes. As crianças tinham entre 9 a 11 anos de idade. Eles eram uns amores, sendo que estavam precisando de uma metodologia que envolvesse mais eles. Vale destacar que essa turma ficou sem aulas por aproximadamente um mês. Meu supervisor, Raphael Rodrigues, assumiu a responsabilidade pelas aulas há cerca de dois a três meses.

Eu já conhecia a escola, pois trabalho nela desde setembro de 2024, em um estágio não obrigatório. Por isso, achei mais conveniente realizar o estágio supervisionado em um ambiente que já me era mais familiar. Isso facilitou não só a adaptação, mas também o planejamento de um projeto que despertasse o interesse e a participação dos alunos.

O primeiro passo foi conversar com o professor responsável pela turma para alinhar os conteúdos que eu poderia ministrar. Durante essa conversa, definimos que eu ficaria encarregada de ensinar o conteúdo de “divisão”, já que o professor havia finalizado o tema de multiplicação e esse seria o próximo assunto a ser abordado.

Durante o período de observação em sala de aula, pude analisar as diferenças nas posturas dos professores e, consequentemente, nas atitudes dos alunos, relacionando sempre a teoria adquirida na minha formação acadêmica com a prática cotidiana da escola. Fora da sala de aula, tive também a oportunidade de observar as distintas abordagens e pos-

turas dos profissionais que compõem a equipe administrativa da escola.

PRIMEIRO DIA NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

Fui muito bem recebida na escola para realizar meu estágio obrigatório. A coordenadora Jane foi acolhedora e me aceitou de braços abertos. Lembro de uma frase dela que ficou marcada em mim: “Temos que aceitar os estágios para que possamos fazer a diferença juntos, por isso acolher todos os estagiários.” Essas palavras me tocaram profundamente, especialmente porque eu estava receosa de não ser aceita para mais um estágio. Sua atitude me deu confiança para seguir em frente.

Meu supervisor também ficou muito animado, ao saber que eu iria desenvolver um projeto de intervenção na sala dele. Ele destacou que os alunos tinham algumas dificuldades e mostravam desinteresse pela disciplina, o que fazia o projeto ser ainda mais necessário. A constatação do professor refletiu nas falas dos estudantes, quando contei que ministraria aulas de Matemática. Percebi o desafio que teria pela frente. Alguns deles imediatamente questionaram: “Por que a senhora não dá aula de Artes ou Educação física?” e outros confessaram: “Eu não gosto de matemática.”

Essas primeiras impressões com a turma do 4º ano me deixaram um pouco insegura quanto à aceitação do meu

projeto de intervenção, que envolvia o uso de jogos na matemática. A resistência inicial dos alunos evidenciou a necessidade de um trabalho mais aprofundado para mudar essa percepção e despertar o interesse deles pela disciplina. De acordo com Smole e Diniz (2001), os jogos matemáticos possibilitam que os alunos explorem conceitos de maneira intuitiva e motivadora, favorecendo a construção do conhecimento por meio da interação e do desafio. Assim, os jogos tornam-se ferramentas pedagógicas valiosas, estimulando o interesse e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

RETA FINAL

Este estágio superou minhas expectativas. Embora tivesse um planejamento inicial, precisei adaptar abordagens e explorar diferentes métodos, como o uso de palitinhos para agrupar números e tornar os conceitos mais concretos. Além disso, percebi a importância de observar a dinâmica da turma e ajustar a metodologia conforme as necessidades dos alunos. Houve momentos em que precisei reformular explicações, propor desafios diferenciados e incentivar a participação de forma mais ativa para manter o interesse da turma.

Também aprendi a lidar com as curiosidades e perguntas dos alunos, que, embora descontraídas, muitas vezes desviavam o foco da aula. Esse desafio

me ensinou a encontrar um equilíbrio entre estimular a criatividade e manter a disciplina, garantindo que o aprendizado acontecesse de maneira produtiva e envolvente.

Um dos momentos mais gratificantes foi perceber que os alunos começaram a gostar das aulas de Matemática. Eles frequentemente perguntavam quando seria a próxima aula e demonstravam entusiasmo pelas atividades planejadas. Esse engajamento se refletiu não apenas no interesse pela disciplina, mas também na confiança que desenvolveram para resolver problemas e discutir ideias matemáticas em grupo. Foi inspirador ver como pequenas mudanças na abordagem de ensino puderam impactar de forma tão significativa o envolvimento e a motivação dos estudantes.

Além disso, essa experiência reforçou a importância da paciência, da empatia e da capacidade de compreender as dificuldades individuais de cada aluno. Cada um tem seu ritmo e suas necessidades, e perceber isso me ajudou a encontrar maneiras mais eficazes de apoiar seu aprendizado. O contato direto com a realidade da sala de aula me permitiu enxergar a educação de forma mais ampla, indo além do conteúdo e reconhecendo a necessidade de criar um ambiente acolhedor e estimulante para os alunos.

O mais especial foi perceber o quanto meu trabalho despertou o interesse dos alunos e contribuiu para o aprendizado

deles. A experiência de ensinar o Ensino Fundamental I foi única e enriquecedora, especialmente porque pretendo atuar no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Foi uma oportunidade transformadora, que me permitiu crescer como educadora, testar minhas habilidades e reforçar minha paixão por ensinar Matemática. Saio desse estágio com um olhar mais maduro sobre a prática docente e com a certeza de que a educação tem o poder de transformar vidas.

REFERÊNCIA

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I.; CÂNDIDO, J. **O jogo e a matemática na escola: desafios e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2007.